

## 2

# A televisão e sua influência sobre a infância contemporânea

### 2.1

#### Televisão: um breve histórico

*A existência generalizada da televisão constitui em si mesma um fenômeno social, gerador de transformações no modo de vida, nos hábitos, na maneira de pensar e de compreender. Sob influência da televisão, os comportamentos e costumes evoluíram muito. Seu papel não pode, portanto, ser reduzido ao de simples meio de comunicação.*

*(Lurçat, 1995: 13)*

O cinema já foi descrito por alguns pensadores como um espaço religioso contemporâneo, na medida em que congrega e cria um *locus* sem igual em nossa sociedade no qual as pessoas podem compartilhar as mesmas emoções.

Apesar da ausência do espaço escuro congregando a audiência, é possível, diria até irresistível, fazer uma analogia entre esta descrição do cinema e a televisão na contemporaneidade. Através deste “espaço religioso” contemporâneo produzido pela televisão, as pessoas têm a oportunidade de, mesmo isoladas em suas casas, compartilhar as mesmas emoções com milhões de outros espectadores.

**AÇÃO: Dia seguinte a final do Big Brother I, diversas pessoas discutem se era justo ou injusto o Bambam ter ganho a competição: na PUC, no ponto do ônibus, na porta de uma escola na zona sul. O mesmo assunto circula em bocas de pessoas das mais diversas classes sociais. (Big Brother, “reality show” exibido pela Rede Globo de Televisão em 2002.)**

Faremos aqui um breve histórico sobre o aparecimento da televisão na sociedade, suas modificações ao longo das últimas cinco décadas, e como suas diferentes formas de existência ao longo do tempo vão afetando a família e a criança. A intenção deste histórico é trazer uma melhor compreensão da criança com a qual dialogamos neste trabalho, cuja experiência de vida está irremediavelmente vinculada à convivência com a televisão.

A televisão surge na década de 50 abalando o prestígio, até então sem rivais, do rádio. A primeira emissora de televisão da América Latina, a TV Tupi, foi inaugurada no dia 18 de setembro de 1950 em São Paulo. Em 20 de Janeiro de 1951 entrava no ar, pela primeira vez, a TV Tupi do Rio de Janeiro. Inicialmente a programação de TV era composta por peças de teatro e pelas primeiras novelas. O primeiro programa infantil da TV Tupi, Clube do Papai Noel, foi ao ar em 1951. O programa Capitão Asa, que foi um dos maiores sucessos desta emissora para o público infantil, foi lançado em 1968.

**AÇÃO:** *“As perspectivas da Televisão para o ano entrante (1959) resultam mais do que nunca animadoras.... Mas que o público vem se passando deliberadamente do aparelho que só se escuta para aquele em que também se vê, ninguém pode duvidar. Nem mesmo aquela popularíssima cantora de rádio, que tem seu clube de fã e vive permanentemente nas capas das revistas especializadas, de quem ouvi, meses atrás, este desabafo: Agora estou convencida de que o rádio sofre um abalo muito sério, meu caro. Minha correspondência caiu, a afluência do público não é mais a mesma. Sinto que... ou me passo para a TV ou tenho os dias contados.” (coluna de Celestino Silveira, Revista TV Programas, ano IV, n. 164, 12 a 18 de Janeiro de 1959*

No Brasil, nas décadas de 50, 60 e 70, a televisão ficava na sala e a família assistia reunida, contando ainda com a companhia de alguns vizinhos não possuidores do novo eletrodoméstico. Esta é a época da televisão de massa, cuja programação era dedicada a toda a família. Programas “familiares” como “I Love Lucy” e “Papai Sabe Tudo” foram

grandes sucessos. A família inteira era a audiência almejada pelos anunciantes e pelos programadores. Desta forma, tanto os programas como, conseqüentemente, os anúncios, têm como foco a família e não o indivíduo. A essa fase da televisão, Muniz Sodré chama televisão massiva.

De acordo com uma revista da época, no final da década de 50 a programação da televisão no Brasil começava ao meio dia, iniciando-se o último programa entre 23:30 e 24:00<sup>1</sup>. Os programas para crianças em geral começavam às 18:00, terminando às 20:00. Tratava-se de programas com os sugestivos títulos “Clube do Papai Noel”, “TV de Brinquedo”, “Circo Bom Bril”, “Aventuras do Capitão Estrela” e “Encontro com a Priminha”. Em geral, assim como hoje, esses programas consistiam em um apresentador que iniciava o programa, desenhos animados importados e brincadeiras. Interessante notar que os nomes dos programas traziam o nome do patrocinador.

**AÇÃO: 1959: Número de aparelhos receptores (TV): Estados Unidos 52 milhões; Inglaterra 9,8 milhões; Canadá 3,6 milhões; União Soviética 3,5 milhões; Alemanha do Oeste 3,3 milhões; Japão 2,7 milhões; Itália 1,5 milhão; França 1,4 milhão e o Brasil, em 9º lugar, com 1,1 milhão... “A imprensa especializada embora não seja de opinião que a grandeza de uma nação se pode julgar pelo número de seus receptores de TV, observa amargamente que os países mais fortes, mais ricos e mais dinâmicos são exatamente os que encabeçam a relação.” (Revista TV Programas, ano V, n. 217)**

É interessante perceber a força do novo veículo, pois ao mesmo tempo em que o autor nega que a grandeza de uma nação possa ser medida pelo número de aparelhos de TV deixa entrever que pode haver uma relação positiva entre o número de aparelhos e o nível de riqueza dos países.

<sup>1</sup> Encontra-se no anexo II os horários da programação de televisão disponível nas grandes capitais brasileiras no ano de 1959.

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI a televisão inicia um processo de saída da sala e presta-se cada vez mais a ser utilizada como objeto de uso individual.

**Ação: EUA 2001, 56% das crianças americanas do Jardim da infância ao ensino médio tem televisões em seus quartos e dois em cada três estudantes do ensino médio tem seu próprio aparelho de televisão, estes dados estão em crescimento constante. (Walsh, 2001)**

Esta nova transformação da televisão, deixando de ser um modo de lazer da família para ir transformando-se em modo de lazer individual, não poderia deixar de trazer modificações para as relações familiares. As crianças não precisam compartilhar programas com os pais, não existe mais o fim dos horários de programas infantis para que se inicie a programação adulta. Existem concomitantemente programas para adultos e crianças, para serem assistidos em separado e cada “tribo” não incomodar a outra com suas opções. Não é preciso conversar, discutir, ceder, chegar a um consenso. Nada! Cada um faz o que bem lhe aprouver... no seu quarto.

Evidentemente, apesar do grande aumento do número de televisores e das mudanças na programação que possibilitam a existência do telespectador individual, questões econômicas ainda prejudicam o desenvolvimento desta televisão individual ou exclusiva. Ou seja, é preciso reconhecer que, em casas onde só existe um aparelho de televisão e que não têm acesso à televisão paga, crianças e adultos ainda dividem os horários da programação. Neste caso, o horário noturno é controlado pelos adultos, que definem o que a família irá assistir. Ainda se encontra nesta situação a maior parte dos telespectadores brasileiros, entre os quais a televisão paga, por restrições econômicas, atinge apenas uma pequena parcela da população.

Chegamos, assim, apesar das limitações econômicas, à época da televisão que ousou nomear individualista. Temos a televisão aberta, televisão a cabo e televisão por satélite. A programação adquire um caráter especializado, para cada tipo de audiência um tipo de programação. Os programas para a família foram se transformando, sem que nos déssemos conta, em programas para homens intelectuais, homens esportistas, mulheres intelectuais, mulheres caseiras, crianças pré-escolares, crianças maiores e

tantas outros grupos quanto pudermos desejar (antes mesmo que possamos imaginar desejá-los). Segundo definição de Muniz Sodré, estamos aqui falando da televisão fragmentada.

É nesta época que surgem os canais específicos para transmitir programação infantil. Antes limitada a alguns horários com “slogans” que mostravam a hora da criança ir para a cama, a programação infantil passa a estar no ar ininterruptamente 24 horas por dia, em todos os dias da semana.

***AÇÃO: A TV Tupi, na década de 50, cria o personagem Indiozinho Tupi, em resposta a cartas de pais reclamando da dificuldade de colocar os filhos na cama a partir da chegada da TV. O indiozinho aparecia, retirava seu cocar em formato de antena de TV, pendurava na parede e... “Já é hora de dormir não espere a mamãe mandar. Um bom sonho para você e um alegre despertar”.***

Percebe-se através deste slogan a TV assumindo seu papel de autoridade dentro da família.

O primeiro canal específico para crianças, o Nickelodeon, é lançado nos EUA em 1979 e, atualmente, é transmitido para 90 milhões de domicílios em mais de 70 países. Em seqüência a este canal, são lançados outros com a mesma audiência alvo. São eles: Disney Channel, Cartoon Network, Fox Kids e Discovery Kids, dentre outros (Outlooks on Children and Media compiled for the 3<sup>rd</sup> World Summit on Media for Children. Greece, March 2001- UNESCO).

A partir destes dados sobre como está hoje a distribuição do canal Nickelodeon, pode-se inferir a dicotomia existente na programação da televisão atual: ao mesmo tempo em que esta se apresenta cada vez mais individualizada, é também universal, globalizada. O mesmo desenho que é produzido para agradar a criança norte-americana deve agradar às crianças sul-americanas, européias e asiáticas, apesar das óbvias diferenças culturais, sociais e econômicas destes públicos. Esta é uma das características marcantes da programação contemporânea: a busca de se obter um

produto que seja adequado para qualquer lugar, qualquer cultura. E, porque não, qualquer público.

Hoje, no Brasil, os principais programas infantis, em termos de número de telespectadores, são aqueles transmitidos nos horários matinais pela Rede Globo, devido à abrangência deste canal<sup>2</sup>. O SBT é, em geral, 2º colocado em audiência, mas, em alguns programas, compete acirradamente com a primeira colocada, conseguindo algumas vitórias pontuais.

Dentre os canais das televisões por assinatura, as maiores audiências em março de 2002 são Cartoon Network (o primeiro canal infantil a ser transmitido no país), seguido pelo Fox Kids e Nickelodeon, estes dois alternando suas posições entre 2º e 3º lugar. Estes canais transmitem durante as 24 horas do dia programação infantil, em geral desenhos animados produzidos em outros países.

**AÇÃO: Se antes as crianças tinham o indiozinho Tupi, hoje os slogans dos canais infantis são variações em torno das expressões: “Não saia daí, que a gente volta já!” “Fique ligado”, a qualquer hora do dia ou da noite.**

É o fim da hora de dormir, a não ser que os pais assumam a função de definir a que horas os seus filhos dormem.

A televisão não ocupou o espaço de mais um eletrodoméstico: ela transformou as relações sociais, interferindo nas relações familiares e em nossa maneira de agir e pensar. Os hábitos foram sendo transformados: visita-se menos os amigos, as conversas em família diminuem, assim como o hábito de leitura, e assuntos de realidades muito distantes passam a fazer parte de nosso dia-a-dia.

Em acréscimo a tudo que foi descrito aqui, devemos considerar a abrangência da TV, isto é, mesmo um programa de baixíssima audiência pode alcançar um número de pessoas semelhante ao de um livro definido como *best-seller* na área de literatura. Este

<sup>2</sup> A Rede Globo de Televisão, composta pela TV Globo e suas afiliadas, alcança mais de 99% do território nacional

fato torna culturalmente interessante a produção de programas de qualidade, mesmo que estes venham a atingir baixos números de audiência e, neste caso, tendo a concordar com Arlindo Machado (2000), que diz que apenas este fato justifica toda a existência da televisão. Esta abrangência garante à televisão o papel de grande democrata da informação.

## 2.2

### **Infância: um breve histórico da Idade Média à Modernidade**

Pensar a infância significa buscar na história os diversos modos de se relacionar com as crianças e de descrevê-las ao longo do tempo. Longe de ser uma categoria natural a infância é um fato histórico-cultural, assim como o discurso preparado sobre a mesma, influenciados por seu tempo e capazes de contribuir para transformações sociais. Entendemos que apenas a partir de sua dimensão histórica poderemos compreender a infância contemporânea e as contribuições que a visão infantil tem a nos trazer sobre as relações sociais permeadas pela presença da televisão. A importância da visão histórica para que se possa ter a compreensão de um acontecimento ou fato social fica ilustrada com clareza pelo pensamento do filósofo Leandro Konder:

“Enquanto não enxergamos a dimensão histórica de um ser, de um objeto, de um fenômeno, de um acontecimento, não podemos aprofundar de fato, a compreensão que temos deles. É o movimento histórico que passa por todas as coisas e permanentemente as modifica que as torna concretas.” (Konder 2002:187)

Neste capítulo faremos um percurso histórico das concepções de infância no decorrer do tempo, partindo das pesquisas de Philippe Ariès (1973), o qual conduziu seus estudos sobre as representações da infância na Europa Ocidental, especialmente na França, através da iconografia desde a era medieval até a modernidade. Chegando à época moderna, veremos as contribuições do paradigma positivista, assim como aquelas outorgadas pela Psicologia do Desenvolvimento sobre o conceito moderno de infância.

A partir das pesquisas de Ariès, temos o conhecimento de que na Idade Média não havia separação clara entre o que seria adequado para crianças e o que seria

específico da vivência dos adultos. Através de seus estudos, Ariès percebe que as crianças eram pouco retratadas e quando eram estavam trajadas do mesmo modo que os adultos da classe social a que pertenciam. A possível explicação para esse descaso em representar a infância poderia ser a baixa expectativa de vida que as crianças tinham na Idade Média, fazendo com que os adultos não se permitissem grandes apegos. As crianças recebiam tratamento diferenciado apenas nos primeiros anos de vida, enquanto ainda dependiam diretamente dos cuidados das mães ou das amas. Desta forma, essas crianças passavam de um desmame tardio para o mundo dos adultos, onde a transmissão do conhecimento acontecia por intermédio do convívio de adultos e crianças, não restrito aos familiares. Aprendiam-se os ofícios observando, auxiliando, ou servindo, como aprendizes, em casas de outras famílias. As crianças eram tratadas como adultos em tamanho menor e não havia acomodação ou vestimenta especial para elas. Esta falta de acomodação em separado nos remete a outra característica deste período, que trouxe grande influência sobre as crianças: a não existência do conceito de privacidade, como o que temos hoje. Assuntos e brincadeiras sexuais envolviam crianças e adultos. Não havia segredos. As crianças efetivamente participavam da vida como se adultos fossem, não havendo assim uma definição entre o significado de ser criança e ser adulto. Ariès descreveu a falta de consciência sobre a particularidade infantil existente na Idade Média:

“Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia” (Ariès, 1973: 156)

Passamos então pela infância na Idade Média onde, apesar de existir afeição pelas crianças, não havia uma definição do que seria essa fase da vida, para alcançar um momento no tempo onde ocorre a separação entre os mundos adulto e infantil, permitindo, assim, o aparecimento da infância moderna, ou seja, o conceito de infância, com as características que nos habituamos a ver na contemporaneidade: indivíduos que precisam ser educados, freqüentar a escola, que devem ficar resguardados de algumas informações, e que precisam de adultos para ensiná-los.

É preciso buscar as condições sociais que possibilitaram o aparecimento desta infância moderna. Penso ser especialmente rica a contribuição de Zygmunt Bauman (1998) de que uma Revolução Educacional propiciou o “aparecimento” da infância<sup>3</sup>. Esta Revolução Educacional ocorreu entre os séculos XVI e XVIII e consistiu de três desvios fundamentais: o primeiro seria separar uma parte do processo da vida como um estágio imaturo, ainda por se desenvolver; o segundo, a separação física destes que se encontravam na fase imatura para que, submetidos aos cuidados de especialistas, se desenvolvessem; e o terceiro, conferir à família a responsabilidade de supervisionar esta fase educacional.

Esta Revolução Educacional teve como principais pré-condições o movimento de cristianização que estava ocorrendo na sociedade e a invenção da prensa de Gutemberg. A Igreja, por se interessar em que as crianças aprendessem formalmente os preceitos religiosos e, ousou dizer, especialmente para que se submetessem aos mesmos, torna-se grande defensora da escolarização. Já o desenvolvimento da imprensa favorece a escolarização por criar um diferencial entre adultos e crianças, ou melhor, entre os que têm acesso à escrita e os iletrados, exigindo um conhecimento específico para que se pudesse utilizar a nova invenção. Era preciso tornar os futuros adultos aptos a trabalhar com as letras e a tipografia. Desta forma, a escolarização compulsória das crianças no século XVIII tornou-se uma forma de ensinar, moralizar e disciplinar.

As crianças passam a estar, então, separadas dos adultos. Ao invés dos ensinamentos de hábitos e profissões pelo convívio, as crianças são enviadas para as escolas. Esta separação possibilitou a existência de “segredos”, isto é, assuntos conhecidos apenas por adultos. Posteriormente, Neil Postman (1998) descrevendo a infância no pós-mídia diria que se não há segredos não há porque se falar em infância, que é o caso da infância contemporânea e medieval. Em outras palavras, a concepção de infância moderna, que se estende até os nossos dias, seria a seguinte: uma fase da vida em

---

<sup>3</sup> Existem autores que contestam o termo aparecimento, pois alegam que houve um exagero por parte de Ariès ao dizer que não havia consciência das particularidades da infância, se comparada com o mundo adulto, antes da modernidade. A autora tende a concordar que esta afirmação é exagerada. Alguns autores medievalistas afirmam que pais franceses e ingleses reconheciam a infância como um estágio diferenciado na vida já na Idade Média (Hanawalt 1986; Paterson, 1993), enquanto que autores modernos (Pollock, 1983; 1987), postulam que existia uma concepção de infância antes da Revolução Industrial, com pais emocionalmente vinculados a seus filhos (Handbook of Marriage and the Family 2<sup>nd</sup> edition, p.24-25).

que os indivíduos precisariam de cuidados especiais e deveriam estar resguardados de algumas informações que pudessem lhes ser nocivas, para que se desenvolvessem e se constituíssem, no futuro, como indivíduos plenos – adultos. *“Só o tempo pode curar o homem da infância e da juventude, idades da imperfeição sob todos os aspectos.”* (El Discreto de Balthazar Gratien, Tratado sobre Educação de 1646, citado por Ariès, 1973:162)

### 2.2.1

#### **Contribuições da Psicologia do Desenvolvimento para o conceito moderno de infância**

Na Modernidade, novos saberes entram em cena trazendo contribuições ao conceito de infância. Vivia-se a exacerbação da razão, a busca da verdade científica. O paradigma científico vigente era buscar a verdade que existe e é indubitável. Este paradigma, que suporta a visão objetivista ou representacional de ciência, traz em seu corpo, como pressupostos, a existência de uma realidade em si que poderá e deverá ser representada objetivamente pela ciência, e a existência de uma verdade universal que não varia historicamente. Sob o ponto de vista da ciência representacional restava aos indivíduos conhecer a verdade, através do pensamento, e divulgá-la, através da linguagem. Este paradigma, contribuiu decisivamente para uma visão positivista da infância.

Pretendia-se, a partir desta visão positivista, conhecer a criança. O interesse em compreender a mentalidade infantil leva às primeiras bases para o surgimento de uma psicologia infantil que permitisse aos estudiosos conhecer condutas e emoções específicas das crianças. A intenção deste “compreender” era poder discipliná-las e corrigi-las em seus “arroubos infantis”. Conhecer, vigiar, disciplinar e punir são palavras que ajudam a compreender o discurso sobre infância desta época.

A criança torna-se objeto de estudo dos mais diversos campos do saber. Para o corpo, seu desenvolvimento e saúde, a Medicina; para o desenvolvimento mental e cognitivo, a Psicologia; para educá-los, a Pedagogia. Nesta busca do saber científico a criança

passa a ser vista como um ser universal, com características que variavam cronologicamente. Pais, mães, educadores e médicos tentam enquadrar suas crianças dentro de padrões de desenvolvimento cronológicos e universais. Esta visão positivista da infância vai permitindo gradualmente a legitimação dos saberes dos “doutores” da infância.

“A infância foi capturada pelos seus porta-vozes, ou seja, aqueles que, legitimados por uma posição de autoridade pelo saber científico, podem falar sobre a infância, e, ipso facto, construí-la. Neste sentido, a infância, tal com a conhecemos, é uma infância revelada pelos ‘logos’ que a estudam” (Castro, 1998: 24)

É no final do século XIX que a Psicologia firma-se como uma ciência que tem como uma de suas intenções descrever o desenvolvimento do indivíduo nas diversas fases de sua vida. Segundo Castro (1998), o estudo do desenvolvimento empreendido no âmbito da Psicologia esteve na sua origem vinculado à classificação e à mensuração das condutas, constituindo-se, desta forma, a noção do que é normal e do que é patológico. Este paradigma positivista levou a estudos racionais, medições e classificações, ignorando-se, muitas vezes, aspectos importantes da vida infantil que não poderiam se enquadrar dentro de parâmetros preestabelecidos.

“Esta Psicologia, cuja ênfase incide sobre a racionalidade, acaba por mistificar e suprimir um aspecto importante da vida infantil, ou seja, seu caráter fluido, ambíguo, contraditório e caótico”(Castro, 1998: 40)

Seguindo os ditames positivistas vigentes no final do século XIX, a Psicologia do Desenvolvimento foi traçando parâmetros universais para definir os progressos das crianças. Época áurea dos testes psicológicos, poder-se-ia, a partir deles, medir aptidões e capacidades dos indivíduos e compará-las com outros da mesma faixa etária. O que não pudesse ser enquadrado neste padrão seria considerado inadequado. Interessante perceber que, nestes estudos, espera-se comportamentos padrões dentro das faixas etárias do desenvolvimento infantil, diferentemente do que se espera para outras fases da vida, como a maturidade e a idade avançada, onde aceita-se melhor a variabilidade entre sujeitos.

Ressaltamos, ainda seguindo os passos de Castro (1998), que a uniformização do desenvolvimento na infância esperada por esta proposta científica não deve ser concebida como um fato da natureza infantil, mas como um resultado de condições sócio-culturais específicas.

Dando continuidade aos estudos na área da Psicologia do Desenvolvimento, surge o 'behaviorismo', paradigma que conduziu este ramo do saber científico dos anos 20 até os 60. Neste paradigma, a ênfase dos estudos é dada sobre as influências do ambiente e não mais sobre os aspectos biológicos. A criança passa a ser estudada como um ser passivo cujo desenvolvimento se dá através das influências ambientais que a cercam. Este paradigma é ilustrado a contento com a visão da tábula rasa trazida pelo filósofo Locke, isto é, a criança ao nascer seria uma tábula rasa onde as influências ambientais seriam gravadas ao longo de sua história de vida.

A década de 70 traz uma importante mudança paradigmática: a visão da criança incompetente e passiva começa a ser substituída pela idéia da criança capaz e competente, detentora de possibilidade de interferir e reagir ao ambiente e não apenas ser "moldada" por ele. É a época dos estudos com ênfase no cognitivismo. O principal representante deste novo paradigma foi Jean Piaget que acreditou que a estrutura mental da criança iria se desenvolvendo continuamente, sempre se relacionando com as demandas da realidade em torno do indivíduo.

Diferentemente, o caminho que pretendemos seguir aqui não é aquele do olhar positivista sobre a infância<sup>4</sup>. Não se pretende, tampouco, preparar um discurso sobre a infância. Queremos sim, como nos apontam Pereira & Jobim e Souza (1998), tomar a infância como uma referência alegórica, um caminho para compreender a dimensão filosófica da experiência de ser criança. Pretendemos, a partir da compreensão da experiência de ser criança, ampliar as possibilidades de compreender as relações sociais e os modos de subjetivação da criança e do adulto.

"Um outro caminho, contudo, conduz a infância alegórica, que nos aponta um desvio para a formulação de uma compreensão outra da experiência de ser criança. Ou seja, a infância tomada, então, como um caminho indireto que nos conduz a uma dimensão do conhecimento que não se esgota nos discursos que tem sido, na época moderna, proferidos sobre ela." (Pereira & Jobim e Souza 1998: 27)

Entendemos que, para uma investigação dos modos de subjetivação na infância, nos moldes que definimos no parágrafo anterior, é necessário seguir o caminho apontado Castro (1998), desconstruindo o conceito de criança moderna, e em seguida atentar

---

<sup>4</sup> Não se pretende ignorar as contribuições que os positivistas trouxeram para o conhecimento da infância. Apenas, como definiu Wittgenstein, o conhecimento seria como os degraus de um escada, onde dispensamos o anterior para alcançar o próximo, sem haver nessa troca qualquer menosprezo ao anterior, pois, sem o primeiro, não se chegaria ao próximo.

para a “qualificação ético-filosófica da narrativa que se produz sobre a infância”. Ou seja, é preciso estar atento ao discurso que se está produzindo sobre a infância, que, em última análise, é o que constrói este conceito.

E como se constitui esta criança? Adotamos aqui o referencial teórico de Bakhtin (2000) e consideramos que o indivíduo se constitui a partir do olhar do outro. Assim, o conhecimento que procuramos produzir sobre a infância é oriundo desta relação da criança com o outro. Sendo este outro seus pares (com os quais convive regularmente no ambiente escolar), sua família (que traz para a criança os conceitos de família, poder e parentalidade), a televisão (que permeia todas estas relações e participa ativamente do cotidiano desta infância) e o pesquisador (que a questiona). Como estamos partindo de um conceito histórico-cultural de infância, entendemos que as modificações sociais e culturais refletem-se nestas crianças e são refratadas por elas, isto é, as condições sociais afetam a infância e são afetadas por ela.

Mas como caracterizar a infância após o advento da televisão? A partir da vívida e marcante presença do conteúdo imagético e sonoro trazido por esse aparelho para nosso cotidiano, que transformações conseguimos perceber na subjetividade das crianças com as quais partilhamos este início de século ? É esta questão que abordaremos agora.

### 2.3

#### **O lugar da televisão na sociedade contemporânea**

*A educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física – em outras palavras, dos fenômenos materiais de sua condição social – torna-o corporalmente aquilo que é e será por toda vida. O que é educada é sua carne, como forma do seu espírito.*  
(Pasolini, 1975: 127)

Vivemos numa sociedade urbana que privilegia o ter e nos oferece, a cada momento, novas opções de vestuário, diversão, alimentos, bebidas, carros etc. As novidades são passageiras, pois logo surge um substituto e elas deixam de ser novidades. Privilegia-se a satisfação imediata. Ao mesmo tempo em que a rapidez das mudanças parece-nos cada vez mais intensa, muitas vezes estamos tão habituados a ela que já não notamos

quão rápido as transformações ocorreram e, de um momento para outro, coisas que conhecíamos já deixaram de existir.

Em paralelo a esta realidade volátil, existe uma outra “realidade” trazida pela televisão. Diariamente, em uma imitação da correria cotidiana, a televisão nos impõe uma infindável sucessão de imagens rápidas e entrecortadas. Esta “realidade” televisiva está presente na sociedade contemporânea e sua influência pode ser percebida nas mais diversas atividades cotidianas, tais como discussões acadêmicas, brincadeiras de criança, modo de falar de crianças e adolescentes, literatura e, especialmente, nos produtos de consumo criados a partir das produções de TV.

Hoje é preciso trabalhar com a premissa de que já não é possível excluir a presença da televisão de nossas atividades cotidianas. Mas o que sabemos sobre as transformações na subjetividade que estão ocorrendo em função desta presença marcante da televisão?

Este questionamento não é privilégio das novas gerações. Desde os primórdios de sua existência a televisão suscitou acirradas discussões sobre a magnitude de sua influência na vida dos telespectadores. Já em 1963, em um debate no rádio, Theodor W. Adorno ressaltava que ainda não havia resposta para a pergunta tão popular na época nos EUA: “*What television does to people?*” (Adorno, 1995: 76).

Diversos pensadores vêm se dedicando a buscar respostas para as transformações na subjetividade fomentadas pela relação com a televisão. Aos poucos, foram surgindo algumas respostas e as questões foram se especificando. Pierre Bourdieu (1997) ressalta que existiu uma expectativa de que a televisão levasse à constituição de uma massa homogênea de telespectadores, reconhecendo que isto não ocorreu, apesar de não se ter previsto que a influência da televisão se tornasse tão extraordinariamente ramificada.

“Supostamente a televisão ia nivelar, homogeneizar pouco a pouco todos os telespectadores. De fato, era subestimar a capacidade de resistência... (...) O fenômeno mais importante, e que era bastante difícil de prever, é a extensão extraordinária da influência da televisão sobre o conjunto das atividades de produção cultural, aí incluídas as atividades de produção científica ou artística”. (Bourdieu, 1997: 51)

E é exatamente esta extraordinária influência que nos faz afirmar que a TV transcende a si mesma, penetrando em atividades distintas de nosso dia a dia tais como ler, conversar, brincar e ver vitrines. Sim, a TV é parte do nosso cotidiano, não sendo possível compreendê-lo sem considerá-la. A sociedade contemporânea é formada por telespectadores ou por indivíduos que, pelo menos indiretamente, estão sendo afetados por sua existência.

No Brasil, a influência da mídia torna-se ainda mais poderosa em virtude de um sistema educacional precário que possibilita, em muitas ocasiões, que a televisão tenha o poder “soberano” de informar, educar e distrair, sem um público capaz de criticá-la. Silviano Santiago (1991) mostra que a carência de educação formal, isto é, a falta de “alfabetização fonética na sua devida época” (Santiago, 1991: 149), gerou um público sem capacidade crítica para entender o que está sendo transmitido, e ainda menos capaz de reivindicar, ou mesmo preferir, programas de melhor nível cultural. Bourdieu (1997) corrobora este ponto de vista, ressaltando os aspectos negativos decorrentes da televisão ser a única fonte de informação.

“É que se sabe, por outro lado, que há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informação. A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (Bourdieu, 1997: 23)

Se somarmos a esse “monopólio” a carência de educação formal chegamos à nossa sociedade brasileira urbana, uma sociedade na qual os efeitos negativos dos meios de comunicação de massa tendem a ser exacerbados.

Por outro lado, não podemos desconsiderar os aspectos positivos da televisão enquanto veículo educacional. O próprio Adorno, que em muitas ocasiões aparece como grande crítico da televisão, declarou em 1963: “*Eu seria a última pessoa a duvidar do enorme potencial da televisão justamente no referente à educação, no sentido da divulgação de informações de esclarecimento.*” (Adorno, 1995: 77)

## 2.4

### Infância na Idade Mídia

*Um embrião já traz em si toda história do universo em seus cromossomos, já traz todo espaço do mundo em sua paz uterina, mas logo o sistema tenta lhe convencer do contrário, lhe transformando em um mendigo permanente, escravo do consumismo desenfreado.  
(Gamba Jr.)*

Especialmente com o advento da mídia, a infância resguardada das preocupações da vida adulta, que as crianças vinham experimentando desde a modernidade, vai deixando de ser real, passando a ser apenas uma imagem de infância nostálgica e idealizada.

“Noções tradicionais da infância como um tempo de inocência e de dependência do adulto foram minadas pelo acesso das crianças à cultura popular durante o século XX.” (Steinberg & Kincheloe, 2001: 33)

A infância com a qual nos deparamos hoje, início do século XXI, possui características muito distantes daquela que descrevemos como a infância moderna. Os segredos pertencentes ao mundo dos adultos, aos quais as crianças não tinham acesso, vão deixando de existir. A autoridade paterna, detentora do conhecimento, perde grande espaço para os ensinamentos vindos através da mídia. Também a escola se ressentida da competição com a grande cultura corporativa, difundida através da mídia e, ameaçada, rediscute seu papel. Para Shirley Steinberg e Joe Kincheloe (2001) na pós-modernidade o papel dos adultos como “guardadores de segredos” começa a se desintegrar.

“Como as crianças pós-modernas ganham o conhecimento irrestrito sobre coisas primariamente mantidas em segredo para não adultos, a mística dos adultos como honoráveis guardadores dos segredos do mundo adulto começa a se desintegrar”. (Steinberg & Kincheloe, 2001: 76)

Diversos autores, entre eles Steinberg, Kincheloe (2001) e Postman (1999), nos fazem ver as grandes modificações trazidas pela televisão, este eletrodoméstico que por transcender suas fronteiras de aparelho e afetar intensamente as relações sociais, adquire status de fato social. A infância pós-televisão não recebe seus ensinamentos e informações sobre os acontecimentos do mundo apenas por seus familiares e a escola,

tal como ocorria antes da década de 50. A televisão inicia a socialização das crianças antes que a escola tenha a oportunidade de fazê-lo. Acresce-se a esse fato a falta de segredos. A televisão fala sobre os fatos da vida de seu pedestal de 4º poder absoluto onde discute-se qualquer assunto, pois, paradoxalmente, mesmo a tão poderosa televisão teme ser classificada como criadora de tabus, preconceituosa ou censora<sup>5</sup>. Nas palavras de Postman (1999) a televisão traz o fim da infância, e entendemos com ele que o acesso às informações através da mídia, especialmente da televisão, altera de modo inquestionável o conceito de infância inocente e protegida. Surge uma nova criança que tem a televisão como um de seus parceiros e como uma de suas principais fontes de informação. Apesar de não acreditarmos no fim da infância, mas na alteração de seu status, achamos indispensável o diálogo com este autor sobre o assunto:

“Podemos concluir, então, que a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas a sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem a mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público. Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a televisão recria condições de comunicação que existiam nos séculos quatorze e quinze. Biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria dessas imagens... Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. **Sem segredos, evidentemente, não pode haver coisa como infância.**” (Postman, 1999: 94) grifo da autora.

Como já foi mencionado anteriormente, não diríamos que não há mais infância, afirmamos apenas que a infância mudou e é com esta nova criança que estamos conversando. É preciso levar em conta as modificações sociais trazidas pela televisão para compreender o que estas crianças têm a nos dizer.

As crianças estão repletas de informações e conhecimentos. Desde a mais tenra idade discorrem sobre assuntos que acontecem a milhares de quilômetros de distância como se fizessem parte de seu bairro. Recebem ensinamentos sobre ética, relações sociais, família e comportamento sexual de corporações que, apesar de estarem muitas vezes em outro continente, entram em suas casas todos os dias e participam de seu cotidiano por um número de horas muitas vezes maior do que muitos pais dedicados podem dispor.

---

<sup>5</sup> Notem como limitar, restringir e censurar são palavras carregadas de grande carga negativa no Brasil urbano pós-revolução de 1964.

**AÇÃO: Pesquisa realizada em Curitiba com um total de 825 crianças e adolescentes sendo 440 participantes recrutados em colégios particulares de classe alta e 385 participantes de escolas estaduais, concluiu que a média geral de horas dispendida assistindo televisão foi de 26,46 horas/TV semanais, portanto maior que a média de crianças e adolescentes norte-americanos que assistem em média 23 horas/TV semanais. Cabe ressaltar que estes números, no Brasil e nos EUA, referem-se a horas de televisão, excluídos filmes de vídeo e video-games, que, se computados, elevariam muito esses números. (Gomide, 2002: 17-28)**

A idéia da infância na Idade Mídia não pode ser separada da infância na sociedade de consumo, pois a indústria do entretenimento, que é onde se localiza a mídia para crianças, busca consumidores. A mídia é parte fundamental da engrenagem que mantém a sociedade de consumo. É a mídia que nos faz conhecer coisas que nem sabíamos que existiam, necessidades que não sabíamos que possuíamos e valores e costumes de outras famílias, sociedades e continentes.

Hoje em dia, diferentemente da visão da década de 50, a criança é vista como consumidora. As crianças “precisam de coisas”: brinquedos, tênis, roupas de marca e mega-festas de aniversário que não precisavam há algumas décadas atrás. As crianças desejam possuir estas e muitas outras mercadorias, a maior parte delas conhecidas através das ofertas constantes da mídia. É preciso, portanto, refletir sobre a origem deste desejo, desta necessidade. Assim, Francisco da Veiga (1997) em seu livro “O aprendiz do desejo” nos traz que:

“Em psicanálise, desejo é o grande motivador das pessoas, aquilo que as impele a amar, a detestar, a construir e a destruir, algo mais desconhecido do que conhecido, uma força interior que tem direção, **mas nem sempre somos nós que estamos ao volante.**” (Veiga, 1997: 148) grifo da autora.

São as grandes corporações de mídia, que incansavelmente nos fazem ver as coisas que ainda não temos e que “precisamos” ter, que, muitas vezes, estão ao volante. A criança tornou-se público alvo, não só da programação infantil, mas dos anunciantes. A

partir desta significativa mudança, indivíduos que precisavam ser resguardados se transformam em indivíduos que precisam ser primordialmente consumidores, e as crianças passaram a ter acesso a informações que antes eram reservadas aos adultos, ou que, pelo menos, precisavam do crivo dos adultos da família para alcançarem as crianças. Estas informações são hoje entregues diretamente pelas grandes corporações às crianças.

A mídia precisa atingir diretamente a criança para que esta seja autônoma o suficiente para desempenhar o papel de exigir dos adultos brinquedos no Dia da Criança, por exemplo, pois, sem essa suposta autonomia infantil, o discurso da mídia “exija brinquedos no dia da criança” ficaria enfraquecido.

Novamente dialogando com os pesquisadores Steinberg & Kincheloe (2001), percebemos que, desde a década de 50, nossos filhos vão vivendo, mais e mais, experiências produzidas por grandes corporações. Quem são estas corporações? Aquelas que determinam o que será transmitido via televisão, seja na posição de proprietárias ou anunciantes, que suportam financeiramente as empresas de mídia. As ideologias destas corporações, por estarem presentes diariamente nas transmissões de televisão, atingindo milhões de telespectadores, foram ganhando uma força sem precedentes para representar o mundo dos adultos e das crianças. A magnitude desta força não pode ser ignorada se pretendemos compreender a audiência infantil hoje.

São crianças informadas. São consumidores. Apesar de não exercerem diretamente a compra têm grande poder de influenciar o que será consumido pela família e são público alvo para milhões de dólares investidos mensalmente em publicidade. No entanto, ao mesmo tempo, são crianças ainda frágeis diante das ilusões do mundo midiático. Crianças que ainda misturam realidade com a realidade televisionada e tem grande dificuldade em separar o que gostam do que não gostam na televisão nossa de todos os dias. Percebemos a televisão, a partir de nossa relação com crianças pequenas, como algo para ser deleitado, para se gostar sem questionar, usufruir despreocupadamente, como pode ser visto nos diálogos a seguir:

**Ação:**

**Escola B: turma de crianças de 5 anos. Atividade: desenhar o que mais gosta e o que menos gosta de ver na TV. Muitos entregam o desenho daquilo que não gostam em branco. E justificam: “Eu gosto de tudo.”**

**Escola A: turma de crianças de 7 anos.**

**Pesquisadora: Tem neve no natal ?**

**Menino de 7 anos: No de verdade tem. Aqui não neva nunca.**

**Pesquisadora: Onde você já viu o natal de verdade?**

**Menino: Na televisão.**

A postura das crianças ao assistir a TV também demonstra relaxamento. Durante a pesquisa de campo, por exemplo, elas assistiam televisão deitadas ou sentadas tranqüilamente e quando a pesquisadora tentava conversar durante o desenho era imediatamente interrompida por alguém que estava prestando atenção no programa<sup>6</sup>. Discutir durante o programa, questioná-lo, não parecia fazer sentido para estes telespectadores, e assim que acabava o desenho eles começavam a brincar e não se mostravam dispostos a conversar sobre o que haviam visto. O hábito parece ser assistir e passar para outra atividade, o que foi assistido já é passado. No entanto, as conversas surgiam e eram muito produtivas durante as atividades de desenhar no papel. Durante estas atividades ficamos conhecendo como viam TV, onde ficavam suas televisões e qual o nível de interferência da família quanto ao hábito de assistir televisão.

Não adianta desligar a TV, pois ela transcende ao aparelho que pode ser ligado e desligado, estando presente nas bancas de jornal, nas lojas de brinquedos, nas brincadeiras, no imaginário infantil e, não podemos esquecer, no mundo dos adultos que interagem com estas crianças diariamente. Adultos que, não muito diferentes das crianças, diante das imagens de uma guerra no Oriente Médio e imagens de uma

<sup>6</sup> Existem pesquisas sendo desenvolvidas no GIPS – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade, coordenado pela professora Solange Jobim e Souza no departamento de Psicologia na PUC-RIO, pelas pesquisadoras Raquel Salgado e Rita Ribes que demonstram que as crianças em grupos assistem televisão e brincam concomitantemente.

“guerra” de Steven Spielberg têm necessidade de legendas para saber por quais imagens “devem” ter sentimentos reais.

Encerrando este capítulo coloco o diálogo de uma mãe com sua filha de três anos. A menina apresenta como opção de moradia o mundo da ficção representado pelo vídeo e indica o caminho de como sair do real e entrar no imaginário.

**Ação:**

**Filha: Não quero mais morar aqui em casa. Vou embora.**

**Mãe: Vai morar aonde?**

**Filha: No vídeo da Magali.**

**Filha: Nossa! É mesmo ? E como você faz para entrar lá?**

**Mãe: Pega o controle, aperta e pronto. Vai.**